

tema da liberdade? A explicitação das partes do texto mostra que o autor parte da definição do tópico, expõe as causas que dificultam sua implementação para então passar a expor as condições necessárias para seu efetivo exercício. Entre as causas expostas está o jugo de tutores que ameaçam os que se arriscam a pensar por si sós. A liberdade deve então ser garantida ante os riscos de coação (os quais, como Kant bem nota, às vezes partem do próprio público). Em suma, a compreensão do conteúdo lido ganha um direcionamento muito mais preciso por meio da explicitação das partes expositivas.

Vale notar que esse é um fichamento bem simples. Em certas circunstâncias de leitura, essa análise basta. Talvez não haja tempo disponível para estudar mais detidamente o texto ou mesmo não seja conveniente fazê-lo devido aos interesses preponderantes na ocasião. O fichamento expresso oferece, nesses casos, um nível mínimo de compreensão textual com vistas à formação pessoal. O leitor adquire uma ideia geral do movimento expositivo, evitando ênfases fragmentárias ou vieses valorativos. Além disso, dispõe de uma via de retomada bastante ágil do texto em ocasiões futuras. Em nossa opinião, com a prática do fichamento expresso, um estudante aprende a exercer, ainda em nível elementar, a leitura como atividade marcante da capacitação acadêmica ou de pesquisas mais sérias sobre algum assunto. Ler com notações e construir fichas de análise atribui um *caráter técnico* à leitura que a distingue de um mero passatempo, por exemplo. Com a construção da ficha de leitura expressa, conduziu-se de forma estratégica a fase posterior à leitura de um texto argumentativo, na qual se espera fixar e sedimentar o sentido lido. Em todo caso, como veremos, as técnicas de reconstrução do sentido por meio de fichas ainda comportam análises bem mais refinadas.

5.2.2 *Fichamento Detalhado*

O segundo nível de fichamento da estrutura expositiva se caracteriza pela adição de uma nova tarefa às fichas expressas. Vimos no item anterior que no fichamento expresso o leitor se limita a distinguir e a nomear as grandes partes expositivas do texto, podendo acrescentar um pequeno resumo do conteúdo correspondente. Essa distinção se baseia na função ilocutória global cumprida pelos trechos de que as partes se compõem. Agora, a tarefa do fichamento detalhado será distinguir as funções ilocutórias *no interior das partes expositivas*. Trata-se de capturar finamente quantas e quais são as suboperações ilocutórias incluídas em cada parte expositiva. A exibição dessas suboperações segue o mesmo princípio da formulação das partes: explicita-se a função operante sobre certo conteúdo locutório, de modo a tornar visível o entrelaçamento temático das subpartes do texto analisado. Espera-se adquirir,

desde então, um entendimento rigoroso dos passos lógicos da exposição *em seu detalhe*, algo que não é capturado pela formulação genérica do título de cada parte e que também não se resolve apenas com o resumo do conteúdo correspondente, já que nesse caso a ênfase bem sintética nos temas não permite exibir exhaustivamente as operações cumpridas no trecho em pauta.

Vale sugerir um ponto importante quanto à construção do fichamento detalhado. A exibição da microestrutura ilocutória das partes expositivas supõe a divisão da macroestrutura ilocutória do texto, isto é, supõe a própria distinção dessas partes expositivas. Isso não significa que se deva necessariamente escrever uma ficha expressa da estrutura expositiva para então escrever a ficha detalhada. É verdade que a ficha expressa já será o fim do trabalho analítico para muitos leitores. Por sua vez, se um leitor decide de antemão propor um fichamento detalhado, então não precisa passar pela ficha expressa como algo autônomo, mas deve simplesmente incorporar a tarefa principal da análise expressa (dividir as grandes partes do texto) na análise detalhada e escrever somente a ficha detalhada da estrutura expositiva (cujo resultado inclui, em grande medida, aquele da ficha expressa).

Como construir a ficha detalhada da estrutura expositiva? A exibição das operações ilocutórias internas às partes expositivas por vezes demanda a releitura atenta de diversos trechos. Ainda que se tente durante a leitura inicial discriminar as principais operações em vigor nos trechos (anotadas na margem do texto), nem sempre isso basta para exibir em detalhes a organização lógica interna às partes. Sugere-se, então, que, uma vez proposta uma divisão provisória das grandes partes, *analise-se cada parte buscando formular as suboperações ali vigentes*. Por vezes, a análise detida dos trechos leva o leitor a rever sua divisão original das partes, a fim de melhor respeitar o encadeamento temático das subpartes. Dessa maneira, a proposta inicial de divisão das partes do texto não deve ser tomada como algo definitivo, e aperfeiçoamentos derivados da análise detalhada da exposição são cabíveis.

A releitura dos trechos para o fichamento detalhado almeja ser *exaustiva*, isto é, o leitor deve ser capaz de incluir todas as frases do texto em alguma função discriminada. Certamente caberia avançar ainda mais a análise. Muitas vezes, estudantes de pós-graduação têm de destrinchar trechos de obras clássicas *linha a linha*. O detalhamento das operações lógicas alcança, nesses casos, níveis extremos. De nossa parte, sugerimos somente que as divisões em funções incluam todas as frases do trecho. Com efeito, uma grande fonte de incompreensão de textos é não entender qual papel uma ou outra frase cumpre no todo do parágrafo. Ao reunir as frases em blocos ou tarefas, o fichamento detalhado permite isolar com clareza os trechos considerados difíceis. Consequentemente, os problemas de entendimento se tornam locais, por assim dizer; é no interior de uma tarefa específica que aparece certa formulação

confusa, e cabe decidir se o trecho deve ser dividido em uma nova função ou interpretado de modo a integrar a frase ou frases difíceis nas funções já reconhecidas. Consequentemente, afasta-se a sensação, bastante comum em leitores aprendizes ao enfrentar textos complexos, de que não se compreendeu nada do que se leu: o que não se compreendeu é o cumprimento de uma função lógica em um trecho específico.

Vejamos, retomando o trecho abordado no item anterior, uma ilustração desse exercício de exibir a microestrutura ilocutória das partes de um texto. Consideremos de início a primeira parte daquele texto (correspondente ao primeiro parágrafo) e busquemos explicitar as funções ilocutórias ali em ação:

Quadro 5.7 Explicitação das funções ilocutórias (primeira parte)

<p>1 Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung].</p>	<p>} Define</p> <p>} Explica os termos da definição</p> <p>} Expõe lema</p>
---	---

Como se vê, a exibição das tarefas ilocutórias internas ao parágrafo busca abarcar todas suas frases. E o que já ocorria no nível dos parágrafos repete-se agora nesse nível inferior: não se deve identificar cada tarefa ilocutória a uma frase isolada. Afinal, frases reunidas por vezes cumprem a mesma função ilocutória¹⁰. Note-se também que marcamos a distinção das subpartes do texto no exemplo do quadro 5.7 por meio de chaves (}). De fato, se o leitor julgar necessário, pode assumir esse recurso de notação e empregá-lo recorrentemente em suas leituras. Não o propusemos no capítulo anterior por julgá-lo por vezes excessivo e mesmo excludente de outras formas de notação. Em todo caso, diante de trechos altamente complexos, é elucidativo reler o texto a fim de já discriminar de maneira gráfica suas subpartes. A questão-guia para bem cumprir essa tarefa sempre é: *qual função essa frase cumpre na exposição?* Trata-se, destarte, de tentar formular as operações cumpridas em cada parágrafo, demarcando de modo preciso em quais frases tais operações efetivamente ocorrem.

10. Mais raramente, também é possível que uma só frase realize mais de uma função ilocutória.

Vamos continuar aplicando esse método de distinção das operações no interior dos parágrafos que compõem uma parte expositiva. Retomemos agora a segunda parte do texto de Kant:

Quadro 5.8 Explicitação das funções ilocutórias (segunda parte)

<p>2 A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha (<i>naturaliter maiorennes</i>), continuem no entanto de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam por</p>	<p><i>Destaca as causas da menoridade</i></p>
<p>que é tão fácil que os outros se constituam em tutores deles. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis.</p>	<p><i>Exemplifica a comodidade da menoridade</i></p>
<p>A imensa maioria da humanidade (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à maioridade difícil e além do mais perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram a seu cargo a supervisão dela. Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostraram-lhes, em seguida, o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. Ora, este perigo na verdade não é tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar finalmente, depois de algumas quedas. Basta um exemplo deste tipo para tornar tímido o indivíduo e atemorizá-lo em geral para não fazer outras tentativas no futuro.</p>	<p><i>Expõe papel ativo dos tutores para a menoridade</i></p>
<p>3 É difícil, portanto, para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou, antes, do abuso de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade. Quem deles se livrasse só seria capaz de dar um salto inseguro mesmo sobre o mais estreito fosso, porque não está habituado a este movimento livre. Por isso são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura.</p>	<p><i>Analisa criticamente a posição dos tutores</i></p>
<p>3 É difícil, portanto, para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou, antes, do abuso de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade. Quem deles se livrasse só seria capaz de dar um salto inseguro mesmo sobre o mais estreito fosso, porque não está habituado a este movimento livre. Por isso são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura.</p>	<p><i>Expõe dificuldades de sair da menoridade</i></p>
<p>3 É difícil, portanto, para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou, antes, do abuso de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade. Quem deles se livrasse só seria capaz de dar um salto inseguro mesmo sobre o mais estreito fosso, porque não está habituado a este movimento livre. Por isso são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura.</p>	<p><i>Explica pequeno número de "maiores"</i></p>

Seguramente, seria possível oferecer distinções mais finas das operações ilocutórias cumpridas nesse trecho. Em todo caso, esse exemplo basta para deixar patente a notável complexidade interna às partes expositivas de textos argumentativos. O segundo parágrafo, por exemplo, realiza ao menos quatro operações lógico-conceituais que, embora se concatenem intimamente, devem

ser devidamente destacadas para que se obtenha uma compreensão clara da articulação expositiva.

Apliquemos por fim à terceira parte do texto de Kant essa técnica de distinção fina das tarefas internas aos parágrafos:

Quadro 5.9 Explicitação das funções ilocutórias (terceira parte)

<p>4 Que, porém, um público se esclareça [<i>aufkläre</i>] a si mesmo é perfeitamente possível; mais que isso, se lhe for dada a liberdade, é quase inevitável. Pois, encontrar-se-ão sempre alguns indivíduos capazes de pensamento próprio, até entre os tutores estabelecidos da grande massa, que, depois de terem sacudido de si mesmos o jugo da menoridade, espalharão em redor de si o espírito de uma avaliação racional do próprio valor e da vocação de cada homem em pensar por si mesmo. O interessante nesse caso é que o público, que anteriormente foi conduzido por eles a este jugo, obriga-os daí em diante a permanecer sob ele, quando é levado a se rebelar por alguns de seus tutores que, eles mesmos, são incapazes de qualquer esclarecimento [<i>Aufklärung</i>]. Vê-se assim como é prejudicial plantar preconceitos, porque terminam por se vingar daqueles que foram seus autores ou predecessores destes. Por isso, um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento [<i>Aufklärung</i>]. Uma revolução poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca produzirá a verdadeira reforma do modo de pensar. Apenas novos preconceitos, assim como os velhos, servirão como cintas para conduzir a grande massa destituída de pensamento.</p>	<p>Expõe condição de possibilidade do esclarecimento</p> <p>Detalha um caso de satisfação dessa condição</p> <p>Comenta efeitos inesperados do exercício da liberdade</p> <p>Extraí consequência política</p>
---	---

Uma vez feita a distinção das funções ilocutórias internas às partes do texto, escreve-se a ficha detalhada da estrutura expositiva¹¹. Em relação à ficha expressa, mantêm-se os títulos atribuídos às grandes partes do texto. No entanto, em vez do resumo, sugere-se a listagem esquemática das funções ilocutórias cumpridas no interior de cada parte. Eis o modelo da ficha detalhada:

11. Por motivos didáticos, separamos essas duas tarefas. No entanto, com alguma experiência, é possível reconhecer em detalhe as funções ilocutórias e escrever concomitantemente a ficha.

Quadro 5.10 Modelo de ficha para analisar as funções ilocutórias cumpridas no interior de cada parte

Texto lido: xxx

Primeira parte: [...] *[título proposto]* (§§ 1-6) *[divisão proposta]*

[Destacam-se as subdivisões]

- a) No início do texto, autor *apresenta* sua posição (§§ 1-2): [...] *[aqui entra o resumo]*
- b) Em seguida o autor *define os conceitos centrais* de sua posição (§§ 3-4): [...]
 - b₁) O conceito x quer dizer [...]
 - b₂) O conceito y quer dizer [...]
- c) Por fim, o autor *diferencia sua posição* da de dois outros autores (§§ 5-6): [...]
 - c₁) O primeiro autor considerado é Z [...]
 - c₂) [...]

Segunda parte: [...] *[título proposto]* (§§ [...]) *[divisão proposta]*
[...]

Vamos construir a ficha detalhada do trecho de Kant em estudo:

Quadro 5.11 Ficha de estrutura expositiva (nível detalhado) para o trecho estudado

Ficha de estrutura expositiva – Nível detalhado

Texto: “Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento [*Aufklärung*]?”

Primeira parte: O autor apresenta a definição geral do “esclarecimento” e explica os principais termos usados (§ 1)

- a. Define “esclarecimento”: saída do homem de sua menoridade, da qual ele é culpado.
- b. Explica os termos da definição: “menoridade” é a incapacidade de usar o entendimento sem a direção de outrem. O homem é dela culpado quando derivada da falta de decisão e coragem de usar o entendimento por si.
- c. Expõe lema do esclarecimento: *sapere aude* – ouse saber.

Segunda parte: O autor detalha as causas da menoridade e reconhece dificuldades para o esclarecimento (§§ 2-3)

§ 2 – Análise das causas da menoridade

- a. Destaca as causas da menoridade: preguiça e covardia, que também explicam a submissão aos tutores.
- b. Exemplifica aspecto cômodo da menoridade: livros, diretores espirituais, médicos livram a pessoa do esforço de pensar por si assuntos desagradáveis.
- c. Expõe papel ativo dos tutores para a menoridade: passagem à maioridade é julgada difícil e perigosa sob a supervisão de tutores, que insistem nos riscos da autonomia.
- d. Analisa criticamente a posição dos tutores: os perigos de pensar por si não são tão grandes. São os tutores que atemorizam as pessoas e as desmotivam a tentar.

§ 3 – Análise das dificuldades de sair da menoridade

- a. Expõe dificuldades: menoridade se tornou uma quase natureza a que os indivíduos se afeiçoam. A menoridade se exprime em preceitos e fórmulas repetidos sem reflexão.

- b. Explica pequeno número de maiores: devido à falta de hábito de pensar por si, a saída da menoridade é rara.

Terceira parte: O autor expõe de que maneira o esclarecimento é possível (§ 4)

- a. Explicita condição de possibilidade do esclarecimento: se for dada a liberdade, é possível e mesmo quase inevitável o esclarecimento.
- b. Detalha um caso de satisfação dessa condição: mesmo entre os tutores, haverá indivíduos capazes de pensar por si que espalharão o espírito crítico.
- c. Comenta efeito inesperado do exercício da liberdade: o público acostumado ao jugo pode obrigar os tutores a permanecer sob ele. Isso mostra como é prejudicial fomentar preconceitos, já que esses também serão usados contra seus autores.
- d. Extrai consequência política: um público só muda sua forma de pensar lentamente, o que exclui que o esclarecimento possa ser instaurado por revolução. No máximo, haveria troca dos antigos preconceitos por novos, enquanto o povo continuaria destituído do pensar autônomo.

Como se vê, o caráter *detalhado* da ficha se mostra na reconstrução das operações internas a cada parte do texto. Em vez de um curto resumo, busca-se nomear as diferentes funções ilocutórias de cada trecho, ligadas ao conteúdo locutório correspondente. Sugere-se mesmo, em partes que incluem mais de um parágrafo, *nomear cada um deles* no desenrolar-se da construção da ficha. Importa salientar que não bastaria simplesmente listar tarefas abstratas para capturar a estrutura expositiva do texto (exemplo: definição – explicação – exposição, para a primeira parte); é preciso revelar justamente como, ao completar certas operações linguísticas, o tema é elaborado.

A reconstrução do tema na ficha tem de ser acurada. Deve-se buscar parafrasear de modo *sintético* o texto ou mesmo servir-se de citações literais de pontos nucleares da exposição. É importante enfatizar que, muitas vezes, essa reconstrução do conteúdo locutório exige que *se resuma* e mesmo já *se interprete* minimamente as frases correspondentes às funções locutórias. Do contrário, a ficha quase se limitaria a uma cópia do texto, o que então a tornaria dispensável, já que se poderia folhear diretamente a obra para retomar seu sentido. Uma das grandes utilidades da ficha é *esquematizar a exposição do texto*, isto é, permitir retomá-la em seus aspectos estruturais não óbvios, explicitados, na medida do possível, sucintamente. As fichas permitem que o leitor ganhe rapidamente noção de como o texto é montado. Ao folheá-las, deve ficar patente *aquilo que não se revela* folheando o texto: indicações de quais as partes em que a exposição se divide e de quais as sequências de operações por meio das quais o tema se desenvolve.

Entretanto, não é fácil determinar qual seria a extensão adequada das fichas correspondentes a um texto lido. No exemplo anterior, vimos que há itens em que o tema é apresentado bem sumariamente e outros cuja reconstrução exige algumas linhas. Não há como decidir isso mecanicamente. A complexidade dos

trechos é decisiva para a extensão do item correspondente na ficha, mas outros fatores são também importantes para o nível de detalhamento, como interesse no tema, disponibilidade de tempo etc.

Ainda em relação à construção das fichas, salientemos que se trata de um exercício trabalhoso, que exige constante consulta ao texto lido. Por isso, a sugestão é ter uma cópia do texto impresso à disposição, para ser manipulada e anotada livremente durante a escrita da ficha. Também é recomendável, ao menos nos casos de fichamentos extensos, escrever uma espécie de resumo inicial do fichamento, no qual se esclarecem informações básicas sobre as fichas que se seguirão: quantos parágrafos compõem o texto fichado, quantas e quais as partes distinguidas¹². Essas informações simples são muito úteis em consultas ulteriores às fichas, para retomar rapidamente informações sobre o texto em questão e mesmo sobre alguma parte específica cuja estrutura expositiva se queira especificamente examinar.

Com a construção da ficha detalhada, o leitor assume uma hipótese global de leitura, falível e perfectível, que lhe permite ultrapassar a narrativa explícita rumo às operações inaparentes que estruturam a exposição. Esse desvelamento da estrutura expositiva *para além da*, ou, melhor dizendo, *vigente na* face narrativa explícita do texto é um dos principais ganhos de compreensão oferecidos pelo fichamento. Muitas vezes, quando perguntados sobre qual o sentido de certo trecho do texto, leitores inexperientes limitam-se a repetir a narrativa textual, introduzida por frases do tipo: “aqui o autor *diz* que x, depois o autor *diz* que y [...]” etc. Sem dúvida, há aqui algum grau de compreensão, ainda que circunscrito quase à mera repetição literal do texto. Por sua vez, a prática do fichamento detalhado sedimenta um novo nível de entendimento: passa-se da *repetição da narrativa* para a *reconstituição das operações lógicas*. Ora, o padrão geral de entendimento sob o modelo da repetição da narrativa é a própria sequência discursiva. É assim que entender, nesse caso, se reduz a reproduzir a ordem de aparição do conteúdo textual. Por sua vez, sob o modelo da reconstituição das operações, a ênfase não está na repetição linear dos conteúdos, mas na reconstrução das tarefas lógico-conceituais das quais o texto se compõe. É verdade que o fichamento segue a sucessividade narrativa, uma vez que as partes são distinguidas conforme a sequência dos parágrafos. No entanto, o padrão geral de entendimento propiciado pela análise detalhada não se restringe a reproduzir tal sucessividade (como se todos os aspectos do tema se conectassem apenas linearmente), mas dela se

12. Devo essa ideia a Maria Luísa M. Marcondes da Silva, então estudante de graduação do curso de História (FFLCH-USP).

serve para expor relações lógicas por vezes bastante complexas, com diferentes subníveis e formas de ligação interna. Por exemplo, um autor pode expor a conclusão de um argumento antes de suas premissas. Caso se siga apenas a sequência narrativa, então será preciso admitir que as premissas são posteriores à conclusão. Contudo, no fichamento, revela-se que a conclusão *se segue* das premissas, que são então *logicamente anteriores* a ela. A sucessividade narrativa nem sempre corresponde, dessa maneira, à progressão lógica. A exposição do sentido textual por leitores acostumados a buscar a estrutura lógica sob a narrativa é então bem diversa daquela anterior: “O texto *se divide* em x partes. A primeira parte *parece ser montada sobre* a tarefa geral y. Para cumprir essa tarefa, o autor *concatena* vários passos lógicos, que são os seguintes [...]”. Como se vê, entender, nesse caso, não é repetir enfadonhamente a sequência das frases do texto, e sim esforçar-se por reconstruir com precisão as operações inaparentes pelas quais o conteúdo temático é paulatinamente elaborado. Sob esse novo modelo, o entendimento enraíza-se ao menos em dois fatores fomentados pela leitura abrangente:

- Busca-se reinserir na estrutura lógica interna ao texto as teses propostas no curso da exposição. Atenta-se, por conseguinte, menos “àquilo que o autor disse ou defende” e mais aos passos lógicos que justificam suas afirmações. Evita-se, dessa maneira, destacar arbitrariamente certas afirmações da estrutura textual que tenta torná-las aceitáveis.
- Para desvelar a estrutura expositiva, deve-se refazer as operações ilocutórias vigentes no texto. Entender o que o autor propõe leva, desde então, a aprender a retomar as operações explicitadas, o que contribui para densificar globalmente o repertório cognitivo do leitor.

Quanto a esse último item, o fichamento, principalmente em sua versão detalhada, obriga o leitor a exercer um entendimento não apenas repetitivo, mas, em certa medida, *produtivo* do texto. Esse caráter produtivo se refere ao fato de que o leitor tem de reconstituir por si as operações vigentes no texto, o que lhe permite assimilar não apenas o tema explícito, mas também os diversos modos ilocutórios que constituem tal conteúdo significativo, modos que, sedimentados, enriquecem suas próprias formas de pensar.

Em suma, a escrita das fichas detalhadas, embora trabalhosa, oferece ganhos formativos marcantes. Não se trata somente de um método para superar dificuldades pontuais em textos. Praticado sistematicamente, o fichamento altera qualitativamente os padrões gerais de compreensão dos textos. Estudando seriamente textos centrais de disciplinas ou campos teóricos, o leitor aprende a reconhecer a complexidade dos temas de cada área e, talvez mais decisivamente, habilita-se a exercer, mesmo se modestamente, as principais operações lógicas pelas quais os campos teóricos se desenvolvem.